
Aula Magna do Departamento de Filosofia do ano de 2010

Prof. Dr. Hilton Japiassu

No dizer de Bacon, “*quatro obstáculos principais impedem o homem de ter acesso à verdade: a) o peso do costume; b) os preconceitos populares; c) a submissão a uma autoridade imperfeita e desprezível; d) a dissimulação de sua ignorância sob uma pomposa roupagem de saber*”. Por isso, teve razão Einstein ao proclamar: “*Duas coisas são infinitas: o Universo e a imbecilidade humana. Da primeira tenho dúvidas*”. E faço minhas as palavras de Bachelard: “*Eu estudo. Pensar, não ousar. Só os filósofos pensam antes de estudar*”. Só alguns. Porque hoje precisamos **estudar** muito para podermos **pensar** bem e melhor. Mas com um **sonho** na cabeça e uma **bússola** na mão, para não ficarmos condenados a viver apenas na rotina do consumo, do sexo, da droga e do credit card. Epicuro já dizia: “*Que ninguém, sendo jovem, demore a filosofar nem, sendo velho, se canse da filosofia. Para ninguém, nunca é tarde demais para garantir a saúde de sua alma*”. Esta pulsão de filosofar permanece viva, pois “*uma vida sem exame não merece ser vivida*” (Sócrates). A filosofia só intriga e amedronta os que a ignoram. Apaixona e alegra os que por ela se deixam cativar. Em nosso mundo embriagado de racionalização, eficácia, especialização, competição, busca de notoriedade, ceticismo, consumismo e hedonismo, dominado por rápidas mudanças afetando os homens e a natureza, onde o trabalho, a cultura, os amores e a coisa pública não escapam ao império da confusão e da decepção, torna-se urgente a retomada da **reflexão**. Não sobre **idéias** abstratas, mas sobre **conceitos** vinculados ao **real** e aos **saberes**, tendo em vista viver a *Sabedoria* e buscar a *Felicidade*: “*Se queres ser feliz, cuida de tua alma, dizia Sócrates, seja bom, honesto e justo*”.

Gostaria de chamar a atenção dos futuros filósofos para uma de suas funções essenciais no mundo de hoje: **pensar, não para as ciências, mas com elas**, pois elas nos ajudam muito a entender os fortes desafios da atualidade: sobre ética, sociedade, política, consciência, liberdade, sagrado, desejo e paixões. A filosofia não pode mais ignorá-las ou adotar, a seu respeito, uma atitude de indiferença ou de arrogância. Como não creio que haja filosofia em si, mas somente filosofia de alguma coisa, gostaria de enfatizar o papel do **filósofo da ciência**: o de ser um **pensador**. Mas o que significa **pensar**? Pensar é exercer uma atividade propriamente intelectual

pela qual transformamos (por nossa ação) o que nos é dado pela experiência imediata (como matéria-prima) num produto novo (objeto cultural). Em outras palavras, pensar é um trabalho realizado pela reflexão do sujeito sobre um objeto num movimento pelo qual a experiência imediata é transformada, de algo não-sabido, num saber produzido e compreendido. De um modo mais profundo, pensar é não se fechar numa defesa verbal da razão e do diálogo racional, mas adotar uma posição de profundo inconformismo diante de todo dado, da ideologia chic do fim das ideologias, com a denúncia niilista da ciência. É não aceitar o falso dilema: ou tecnolatria ou tecnofobia. É pôr em questão as representações coletivas instituídas, as idéias estabelecidas sobre o mundo, a ordem da cidade e os valores. É inconformar-se com todo discurso racionalizador e justificador do status quo. Enfim, é dizer Não a tudo o que diminuiu e degrada a dignidade humana.

Nada mais estimulante à **reflexão do filósofo** do que a atividade dos cientistas. Uma palavra poderia servir para qualificá-lo: a de **intelectual**. Não no sentido antigo de *doxósofo* (Platão), do indivíduo que se afirma como técnico da opinião e se toma por sábio, embora coloque os problemas da política nos mesmos termos do homem do senso comum e dos negócios. Diferentemente do doxósofo, que se funda na lógica da política, da denúncia, da difamação, da sloganização, da falsificação do pensamento dos adversários, o **pensador** (ntectual) e baseia na lógica da **argumentação** e da **refutação**. Jamais confunde as coisas da lógica com a lógica das coisas. Tampouco toma as revoluções na ordem das **palavras** por revoluções na ordem das coisas. Está sempre pronto a **criticar** todos os **abusos de poder** ou de autoridade. E não admite que nenhuma autoridade intelectual seja usada como **arma política**. Porque sua missão é a de **questionar** todos os *idola tribus*, todas as **representações** coletivamente admitidas. E de rejeitar, não só toda **fonte de sentido** distinta da atividade viva dos seres humanos, mas toda “**autoridade**” agindo de modo irracional ou não justificando racionalmente a validade de suas afirmações e decisões. Aquilo que propriamente o define é sua capacidade de **afirmar sua liberdade em relação a todos os poderes**, seu profundo **inconformismo** em relação a todo *status quo*, sua permanente **crítica às idéias recebidas** e a **demolição** sistemática dos preconceitos e das alternativas simplistas a fim de encarar a **complexidade dos problemas** e da **condição humana** com uma **razão aberta**, capaz de dialogar com as demais formas de saber.

Ao escrever, debater, falar, agir ou cantar, o intelectual é alguém que possui o dom particular de jamais se instalar na inércia de um **saber adquirido**, de fechar-se no **conformismo** do já instituído e

institucionalizado. Está sempre interrogando as **concepções do mundo**, os **sistemas de representação** mentais e sociais estabelecidos e a **história das políticas** que fizeram nascer o homem moderno. Procura sempre estabelecer uma **distância** soberana relativamente às **tradições filosóficas** e revelar uma verdadeira **jubilação** em transgredir e ultrapassar as **fronteiras** disciplinares. Em suas *Meditações*, Descartes ilustrou a **coragem do pensar**: exprimiu-se na primeira pessoa, tentou a aventura de uma experiência intelectual sem bússola, seguro de que os caminhos do método deveriam conduzi-lo a um lugar de verdade. Por isso, no ensino da filosofia, devemos privilegiar, não a **história** das doutrinas, mas o **confronto dos problemas** permitindo aos alunos experimentarem por si mesmos as dificuldades que os filósofos canonizados tentaram resolver. Privilegiar, não a **totalidade**, mas o **inacabamento**, pois este nos situa no campo dos antidogmáticos, nos liberta da atmosfera etérea do céu das Idéias e nos empurra para assumirmos compromissos concretos.

O filósofo precisa tomar consciência de que dois são os vírus que mais o atacam, para os quais não há vacina: o **autoritarismo** e o **dogmatismo**. A respeito do dogmatismo, não me canso de citar um texto de F. Jacob: *“Não é somente o interesse que leva os homens a se matarem. Também é o dogmatismo. Nada é tão perigoso quanto a certeza de ter razão. Nada causa tanta destruição quanto a obsessão de uma verdade considerada como absoluta. Todos os crimes da história foram a consequência de algum fanatismo. Todos os massacres foram realizados por virtude: em nome da religião verdadeira, do nacionalismo legítimo, da política idônea, da ideologia justa; em suma, em nome do combate contra a verdade do outro, do combate contra Satã”*. Por isso, precisamos partilhar a sorte do intelectual, definido por Sartre como alguém capaz de se preocupar com aquilo que não lhe diz respeito, pois sabe que **o gosto do pensamento é subversivo** e o leva sempre a perguntar: mas “por que não?” Neste sentido, o intelectual é portador de certa “irresponsabilidade”, pois acredita que só tem que prestar contas a si mesmo, ser sua própria autoridade, não tomando por guias os deuses, as tradições ou os mestres do momento. Tem consciência de que todo **civismo** imposto deve ser percebido como uma **“policia do pensamento”**. Onde manter-se indiferente às regras e conveniências sociais. E faz sua a indagação de Adorno: *“Será que ainda podemos filosofar depois de Auschwitz?”*

Ademais, o intelectual é alguém capaz de se **indignar**: testemunhar, em nome dos direitos fundamentais do homem, que toda forma de vida social refletindo a parte arcaica e pré-lógica de nossa espécie não é digna do ser humano. Capaz de testemunhar que *“nada do que*

humano lhe é indiferente” (Terêncio) e de defender a idéia segundo a qual, *“na ordem do pensamento, devemos fazer da imprudência um método”* (Bachelard).. A **indignação** tem uma função **profilática** de liberar nossas energias e permitir-nos ver as coisas com maior **clareza** e falar com maior **lucidez**. Afasta as ambigüidades, os Tartufos, as ilusões de ótica, as mesquinhas de alguns, as posturas vantajosas de outros, as idéias recebidas e sacode a inércia do estabelecido. Põe em questão as **tiranias** que oprimem, as forças do hábito levando os homens a se submeterem ao conformismo ou à força de seu destino. A indignação é a recusa de aceitar o mundo tal como é ou aparece. É ela que nos mantém de pé e nos empurra a falarmos quando tudo nos convida a permanecermos sentados e calados. Não é manifestação de inveja ou ciúme. Não é um projeto, não visa construir ou propor algo a ser construído. Constitui o ato primeiro e essencial tornando **possível um novo futuro**. Permite **um diálogo entre o possível e o real, entre o sonho e a realidade**. Mostra-nos que é a **esperança** que dá sentido à vida. E esta esperança se funda na perspectiva de podermos, um dia, transformar nosso mundo presente num mundo possível melhor.

Por isso, precisamos nos indignar para rejeitarmos a sedução enganosa do pensamento mágico e fazermos nosso o sonho de podermos *“imaginar Sisifo feliz”*, porque *“não existe punição mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança”* (Camus). O pensamento mágico tem algo de sedutor e diabólico. Pretende explicar o mundo para permitir ao homem se situar no Universo e integrar sua ação nessa concepção do mundo. Afinal, para que servem as divindades? Para substituir a **diversidade** pela **unidade**, a **complexidade** pela **simplicidade**, a **desordem** pela **ordem** e o **imprevisto** pela **regularidade**. Essas preocupações têm certa analogia com as da ciência moderna. Todavia, enquanto a ciência procura abrir **novos horizontes**, o pensamento mágico tem por objetivo **fechar o mundo**, nele introduzir uma **coerência** global, conferindo um **lugar** a cada acontecimento, a cada ser e a cada ação. Contrariamente à apreensão mediatizada do mundo que nos fornecem as ciências, no pensamento mágico o homem se encontra imerso num Universo no qual o **sagrado**, as **divindades** e os **ritos** são indissolúvelmente entrelaçados com seu **meio material** e seus atos, e onde as **crenças** não são percebidas enquanto tais, mas enquanto **certezas**. Não se trata de propormos antigos remédios que seriam anacrônicos, inadequados e ineficientes. Ainda é válida a advertência de Koyré: as **Luzes** constituem um ideal humano e social que permanece a única esperança da humanidade. Não só por seus méritos, mas também por suas insuficiências, nos ajudaram e continuam nos ajudando a

identificar a possibilidade de uma **racionalidade** mais adequada aos desafios de hoje. Porque toda sociedade que nega a importância da **racionalidade** para resolver seus problemas, está exposta a ser vítima de **tiranos** e **charlatães**. Donde, mais uma vez, a importância da indignação.

O indignado não reivindica privilégio. Não **se opõe** apenas à injustiça, mas ao **irracional**, ao **incoerente**, às **ilusões** e à **imbecilidade**. Situa-se sempre no nível do **interesse coletivo**. Refere-se sempre ao “viver junto”. Não apreende o homem como individualidade, mas como **coletividade**. Tem plena consciência de ser um *zoôn politikôn*. Não se dirige a todos do mesmo modo. Toma partido. Vive sob a ameaça fundamental de nossa “sociedade da suspeita”. Por isso, precisamos fundar nossas esperanças na geração que está chegando. Porque ela viveu os fracassos de seus pais. Sofreu os desastres do pensamento mágico. Está mais bem equipada e preparada para resistir às ilusões, manipulações e práticas demagógicas. Trata-se de uma geração que viaja, estuda no estrangeiro, domina línguas, recebe imagens do mundo inteiro, está sem contato direto com todo o mundo, maneja com habilidade a internet e está mais informada que as gerações anteriores. Ademais, vive no cotidiano *on line* a **solidariedade** da espécie humana em escala planetária. Por isso, talvez possa dispor, graças aos avanços extraordinários da ciência e da tecnologia, de meios novos muito mais poderosos. O **futuro** lhe pertence. Esta geração pode conferir ao homem uma **identidade** que lhe pertence: a de ser “*um caniço, o mais frágil da natureza, mas um caniço pensante*” (Pascal). Por isso, sabemos ceder o lugar à nova geração, mas sabendo que ela corre o risco de tornar-se obesa de informação e idiota ou anoréxica de conhecimento. O futuro é incerto. Apesar dos riscos, vicissitudes e incertezas, não devemos ter medo. Precisamos marchar, repito, com um *sonho* na cabeça e uma *bússola* na mão, jamais nos esquecendo, antes de dormir, de fazer a seguinte prece de Bachelard: “**Fome nossa de cada dia nos daí hoje**”, a fim de elaborarmos uma consciência humana capaz de desreificar os preconceitos, superar os dogmatismos e jamais fazer concessão ao Saber, pois seria fazer concessão à Liberdade.